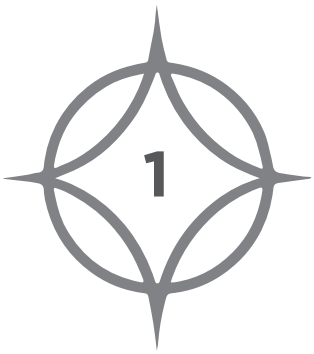


Esta é a parte em que eu hesito.

Racionalmente, sei que vou ficar bem. Já escapei meia dúzia de vezes, sem problemas. A Sede está repleta de barreiras mágicas, mas a que se encontra do lado de fora da janela do meu quarto foi criada para manter os intrusos *fora*, não para trancar os ocupantes lá dentro.

Ainda assim… parece-me sensato testar a cortina de luz silenciosa e cintilante que envolve a Sede antes de lançar o meu corpo inteiro contra ela. Por mera questão de precaução.

Levanto uma mão para a janela aberta e *pressiono* até a minha palma atingir o éter. A barreira azul prateada acende ao meu toque, mas não dá luta. Em vez disso, contorce-se numa onda lenta sobre os meus nós dos dedos e pulso. Sinto-a quente e provoca-me uma leve sensação de formigueiro, mas é inofensiva. As pontas dos meus dedos abrem passagem pela camada iridescente, de encontro ao ar fresco noturno do outro lado. Quando recolho a mão, a magia volta a acalmar.

Excelente.

O vento levanta-se, carregando consigo uma onda de aromas pungentes: Canela forte e picante. Uísque quente. Fumo de troncos que queimam por muito tempo.

Sel costuma renovar as suas proteções mágicas pouco antes do cair da noite, antecedendo o pico de atividade das Crias das Sombras, por isso, a sua assinatura em éter ainda está fresca. Ele apenas consegue criar barreiras em torno de locais específicos e imóveis. Edifícios, círculos de terra, um quarto. Fui transferida para a Sede — contra a minha vontade — precisamente *porque* fica atrás de uma fortaleza de barreiras protetoras. Esta em particular reveste o tijolo e a pedra, o que a torna

mais forte do que as que ele costumava lançar, tornando impossível alguém entrar na casa sem a ajuda de um Lendário ou de um Merlim.

Sou a Herdeira de Artur há apenas um mês e já entendo um pouco do que o Nick deve ter sentido a sua vida toda. Sufocada. Encurralada. Poderosa e impotente, tudo ao mesmo tempo. *Inquieta*.

— Uff. — Outra rajada atinge o meu nariz sensível. Estremeço e viro-me. Olho para o despertador na mesinha de cabeceira. Dez e meia.

Quase na hora.

Volto a cair na cama com um suspiro. Sel e os Lendários devem estar a chegar agora mesmo à primeira paragem na sua rota de patrulha, a pequena faixa de floresta perto do extremo sul do *campus*. Por mais que tente relaxar, sinto o corpo tenso como uma mola. Até o meu maxilar está apertado enquanto espero.

Uma brisa fria esgueira-se pela janela aberta, desta vez titilando-me as faces com a frescura do início do outono. Um lembrete de que o inverno está à porta e que o tempo está a passar.

Eu não devia estar aqui.

A mesma frase percorre-me a mente todos os dias. Não importa onde estou ou o que estou a fazer, as palavras surgem, borbulhando de algum lugar profundo do meu âmago, fluem-me pela garganta e meio que… se abalroam no meu cérebro.

Não devia estar sentada nesta aula de Inglês, a ouvir este professor a falar. Não devia estar a comer uma refeição de quatro pratos na sala de jantar da Sede. Não devia estar a dormir numa cama macia, segura atrás das paredes da Sede.

Tenho a certeza de que, por esta altura, os meus amigos já perceberam o que estou a sentir. Como poderiam não ter percebido? Greer senta-se ao meu lado naquela sala de aula, por isso vê o meu joelho trémulo. Provavelmente já percebeu que estou pronta para sair disparada do meu lugar a qualquer momento. Sento-me para a refeição de quatro pratos, mas Pete está mesmo ali, colado ao meu cotovelo enquanto remexo a comida no prato e me esqueço de a comer. Quando, às duas da manhã, os Lendários regressam das suas patrulhas noturnas, estou sempre acordada, à porta, à espera para os receber.

Os Lendários estão num padrão de espera. *Eu* estou num padrão de espera. Temos estado assim desde os acontecimentos de ogof y ddraig, a caverna do dragão. Desde que eu — *nós* — enfrentámos assassinatos e traições e desde que verdades amargas foram reveladas.

Desde que Nick foi levado do meu lado enquanto eu dormia, raptado por Isaac Sorenson, poderoso Mago Real vinculado ao próprio pai de Nick. Desde então que ninguém viu ou ouviu falar dos três.

A frustração vive no meu estômago como um pedaço de carvão — e apenas *pensar* na captura do Nick transforma-a numa chama dolorosa, brilhante e familiar.

Há um mês, nas profundezas do *campus* da Universidade da Carolina do Norte, o espírito do Rei Artur Pendragon Despertou para o mundo — e dentro de *mim*, a sua verdadeira descendente. O seu Despertar assinalou que Camlann, a antiga guerra entre os Lendários e as Crias das Sombras, estava mais uma vez a chegar. E no dia seguinte, os Regentes, a atual liderança da Ordem da Távola Redonda, instruíram-nos que… nada fizéssemos. Devemos assistir às aulas, fazer os testes e até ir a festas, se formos convidados. Não podemos arriscar atrair atenções para a divisão — ou para mim — enquanto os agentes de inteligência dos Regentes recolhem informações sobre os nossos inimigos e sobre o rapto de Nick por um conhecido servo leal. Até nova ordem, os Lendários receberam ordens para permanecerem aqui e quietos.

Para nós, *aqui* é passar *semanas* a suster a nossa respiração coletiva enquanto a guerra se avizinha. Mas para mim, *aqui* é ficar sentada sozinha no meu quarto na Sede enquanto os Lendários estão lá fora a caçar os nossos inimigos.

O meu pai já conhecia a Ordem como um antigo grupo académico de alunos. Sabia que Nick me convidara para me juntar a ele. Mas quando descobriu acerca da minha mudança repentina para a sua Sede fora do *campus*, exigiu uma explicação. O diretor da UCN, a minha melhor amiga Alice *e* a minha antiga terapeuta Patricia tiveram de o convencer de que a Sede era legítima e segura. Eu não podia contar-lhe a verdade, mas disse-lhe que não havia sítio mais seguro. O que não é mentira, mas…

Eu não devia estar aqui. Eu não *quero* estar aqui.

Por isso… decidi que *não* vou estar aqui.

Pelo menos durante algumas horas de cada vez.

Mais um olhar para o relógio. Dez e quarenta e cinco. Deve ser suficiente.

Enquanto subo para o peitoril, não consigo evitar rir. Mesmo com a força de Artur, nunca teria considerado saltar de uma janela de dois andares se não tivesse assistido a Sel a fazê-lo de três — comigo às suas costas.

— Obrigada pela inspiração, Mago Real — murmuro com um sorriso enquanto me equilibro na estreita faixa de madeira.

A diferença entre um salto e uma queda? Um impulso forte e determinado do exterior de pedra da Sede.

— Um. — Inalo. — Dois. — Ranjo os dentes. — Três! — Salto.

Quando aterro, oiço a voz da minha treinadora Gillian a dizer-me para receber o impacto *com intenção*, dobrando os joelhos em vez de os endireitar. Na altura em que Gill me treinava, antes de eu ter herdado a força sobrenatural de Artur, as minhas pernas não teriam sido capazes de absorver nem meio andar de choque. Um salto como este teria enviado toda aquela força do chão diretamente para os meus tornozelos, até aos joelhos e ancas.

Agora, a força de Artur impede-me de partir alguma coisa, mas nada faz pelo meu equilíbrio. Quando me levanto, cambaleio um pouco, mas consigo manter-me de pé. Progresso. Estou apenas a um passo de distância do edifício antes de ser parada por uma voz.

— Uma noite destas ele vai apanhar-te, sabes.

Viro-me para trás e vejo uma figura a emergir das sombras. William, num casaco de ganga verde e calças de ganga azuis, exibindo um sorriso irónico.

— E vai fazer o quê? — Cruzo os braços. — Gritar comigo outra vez?

A boca do William estremece.

— Sim. E alto. — Inclina a cabeça para a minha janela oculta pela escuridão. — Não foi um mau salto. Ou aterragem, para que conste. Estás a habituar-te à força de Artur.

— Sim, bem — abano a cabeça —, a força não é suficiente.

— Nunca é. — William sabe distinguir a verdadeira força. Duas horas por dia, ele é o mais forte de todos nós. Mais forte do que eu. Mais forte do que Sel. Mais forte até do que Felicity, Herdeira de Lamorak.

Silêncio. Mordisco o lábio.

— Estás aqui para me impedir? — Ele conseguia, se quisesse. Provavelmente *devia*, mas…

William suspira e mete as mãos nos bolsos de trás.

— Não. Se o fizer, vais apenas continuar a sair às escondidas. De formas cada vez mais criativas, imagino.

Quando William me conheceu, eu tinha sido ferida por um cão infernal. Ele curou-me enquanto eu mal estava consciente, sem saber o meu nome e sem o perguntar. Pouco depois — quando descobriu o suficiente para suspeitar de que eu não estava a ser totalmente sincera sobre o porquê de me juntar à Ordem —, ele voltou a curar-me as feridas. William compreende o valor dos segredos e não julga os outros por os guardarem. Uma bênção, mesmo. Sobretudo esta noite.

Em vez de julgar, ele observa-me com uma expressão suave, à espera de que eu assuma os meus crimes. Suspiro.

— Há quanto tempo?

— Que sei que andas a sair às escondidas? — Ele faz sinal com a cabeça para o meu braço direito. — Desde segunda-feira de manhã, quando vi a queimadura mal enfaixada no teu pulso ao pequeno-almoço.

Isso foi há quatro dias; a queimadura está quase curada agora. Aconchego o braço atrás de mim.

— Pensei que a tinha escondido debaixo da manga.

— Escondeste. De toda a gente, menos de mim.

Sinto-me grata pelo quanto William apenas… *sabe*… sem dizer nada. Mas não quero discutir as queimaduras que ainda não sou hábil o suficiente para evitar.

— O Sel também teria reparado, se te tivesse visto naquele dia.

— Bem, ele não me viu naquele dia — murmuro.

William não comenta.

— Pensei que estarias a patrulhar com os outros. — Gesticulo entre nós. — Ou este é mais um dos vossos turnos de guarda-costas?

— Bree. — William observa-me por um longo momento, deixando a leve admoestação assentar como um peso suave em torno dos meus ombros. — Não nos podes culpar, pois não?

— Não. — Desvio o olhar e repito o mote que ninguém me deixa esquecer desde aquela noite na gruta. — «Se um Artur completamente Desperto for morto pelo sangue de uma Cria das Sombras, as Linhagens Lendárias também serão quebradas para sempre.» Sim, já sei.

Eu não planeei fugir, não a início. Mas depois, um dia, na semana passada, Greer confessou que Sel ordenara aos Herdeiros e Escudeiros Lendários que me escoltassem de edifício em edifício no *campus*. *Com discrição*, para que eu não reparasse que os outros me estavam a proteger de potenciais ataques. *Em segredo*, para que eu não me ressentisse com a sua constante presença.

Ressenti-me, ainda assim.

Ainda agora, o calor da frustração acumula-se no meu corpo, e aperto o punho — até as minhas unhas cravarem a pele. Sibilo e abro as mãos de imediato. A força de Artur é mais irritante do que útil quando não estou autorizada a usá-la. Liberto um suspiro e volto-me para trás, dando com William a olhar para a minha mão. Meu Deus, ele repara em *tudo*.

William levanta uma sobrancelha.

— Se sabes, então porque estás zangada?

— Eu devia ser capaz de me defender sozinha. Devia lutar nesta guerra como toda a gente.

— Vais conseguir. Só não para já. — O seu olhar avança para lá de mim, para o caminho que pretendia percorrer até à floresta. — A caminho da arena?

Não vale a pena mentir. Assinto.

A sua expressão torna-se desconfiada. Fugir é um segredo; ir sozinha para a arena é outro.

— Já é tarde, e o memorial é de manhã…

— Eu sei. — Mordisco o lábio. Não me tinha esquecido do memorial. Como poderia? A cerimónia formal da Ordem para Russ, Whitty, Fitz e Evan será o primeiro funeral a que assisto desde o da minha mãe. — Não vou estar fora muito tempo. Prometo.

— Bree…

Intensifico a minha expressão de súplica.

— Por favor.

Com um suspiro e um revirar de olhos divertido, ele cede.

— Está bem. — Depois, para minha surpresa, põe-se ao meu lado. — Mas se tu vais, eu vou contigo.

Pestanejo.

— Vais?

Ele encolhe os ombros.

— Depois de ti.

Ambos conhecemos o caminho pela floresta bem o suficiente para o podermos percorrer mesmo sem a minha lanterna. Se Sel estivesse aqui, poderia iluminar o caminho com uma palma da mão repleta de éter.

Mas se Sel estivesse aqui, estaria a arrastar-me de volta para dentro de casa, mesmo que as suas barreiras formem agora um perímetro de três camadas à volta da Sede. O da janela era apenas o primeiro.

Quando avançamos pela segunda barreira, William repara na minha reação a ela. No meu nariz enrugado e olhos lacrimejantes.

— Essa tua habilidade de Artesã de Sangue é fascinante.

— Cheirar éter? — O único poder da Arte de Sangue a que realmente consigo aceder sempre que quero é a capacidade passiva de pressentir magia: a Visão que me permite ver o éter, o toque que me permite senti-lo. Um nariz que me diz que alguém o usou num feitiço.

— É mais do que cheirar éter. Os Lendários conseguem perceber quando há éter por perto e se foi utilizado como arma, mas *tu* consegues discernir entre feitiços individuais, os seus estados… — Ele abana a cabeça, espantado.

O feitiço de Arte de Sangue de Vera foi concebido, antes de mais, para ajudar as suas descendentes a pressentir utilizadores de éter nas redondezas que nos pudessem caçar — sobretudo Merlins.

— Estou curioso. — William volta a apontar para a barreira por onde passámos. — Que pressentiste ali?

Respiro fundo mais uma vez.

— Arde um bocadinho, por isso o Sel estava zangado quando o lançou.

Ele ri-se. Pausa. Esmiuça a minha resposta na sua mente analítica e cirúrgica.

— Pareces congestionada. És alérgica?

Considero a pergunta.

— Não. É mais como quando passamos por alguém com um perfume *muito* forte.

William curva-se sob um ramo.

— *De facto,* o Sel sabe deixar a sua marca.

Resmoneio.

— Até quando não está por perto! As barreiras, os guarda-costas dos Lendários, as exigências. É *sufocante*.

William ri-se, um brilho nos olhos cinzentos.

— Que foi? — pergunto-lhe.

Ele sorri.

— Parecias o Nicholas a falar.

Pela segunda vez esta noite, a dor ataca-me por dentro. Pior agora, porque já a reprimira antes. A dor profunda de perder Nick não é a onda obliterativa de dor que ainda sinto quando penso na minha mãe, mas algo mais agudo. Este luto desliza-me pelas costelas como um bisturi. Uma dor a que me oponho, mas que não consigo evitar. As árvores tornam-se um borrão. Sinto os olhos a arder. Paro de andar.

Nick estava *mesmo* ao meu lado quando foi levado. Tinha acabado de perder o título e de ser traído pelo pai, e mesmo assim escolheu ficar ao meu lado enquanto eu convalescia na sua cama. Por vezes, acho que me lembro do calor do seu hálito contra a minha clavícula, o reconfortante peso do seu braço no meu corpo. Palavras, sussurradas sobre o meu ombro: «*Tu e eu, B.*»

— Bree. — O William adentra a minha linha de visão. Fala-me numa voz baixa, para me tranquilizar. — Não temos razão para acreditar que o pai dele lhe faria mal.

Pestanejo para afastar o ardor das lágrimas que se insinuam.

— O mal vai *encontrá-lo*. A este ritmo, muito antes de nós.

William escolhe as suas palavras com cuidado.

— Já se passaram duzentos e quarenta e cinco anos desde a última vez que um Herdeiro de Artur foi Chamado. Nunca ninguém

testemunhou o momento em que estamos a viver. Tudo o que sei do Alto Conselho dos Regentes apoiaria o seu… comedimento. O cuidado na forma como procedem quando há guerra no horizonte e a segurança dos Primavidas está em jogo…

— Não é só a segurança dos Primavidas que está em jogo — insisto. — O Nick foi raptado por um assassino. A vida dele também está em jogo!

William pressiona os lábios numa linha paciente.

— Tal como a tua.

Não costumo discutir com William, de todo. Mas sobre este tópico, *tendemos* a entrar numa dança regular de ponto e contraponto.

— Quem conhece a Ordem ainda acredita que o Nick é o Herdeiro de Artur. — Respiro fundo. — E o pai dele e o Isaac andam por aí, em fuga com ele, com um número desconhecido de Crias das Sombras ainda muito determinadas a matá-lo. O que significa que, de momento, a vida dele está em muito maior perigo do que a minha.

Não há argumento possível contra isto, e William não tenta arranjar um. Manter a minha identidade em segredo para minha própria segurança foi a primeira ordem emitida pelos Regentes. Até Artur me Chamar no ddraig, Nicholas Davis era o Herdeiro de Artur. Para o mundo dos Lendários, Nicholas Davis *ainda* é o Herdeiro de Artur. Mas, na realidade, não é. Sou eu. Nick não tirou uma licença de ausência escolar para se preparar para subir ao trono; ele foi raptado, e sou *eu* quem se está a preparar. Neste momento, há menos de vinte pessoas no mundo que sabem disso — e a minha vida depende de que esse círculo de confiança se mantenha o mais pequeno possível.

Na qualidade de Herdeira Desperta de Artur e âncora do Feitiço da Eternidade, sou a encarnação viva e pulsante do poder dos Lendários. Como um motor, o meu sangue e a minha vida alimentam a magia que une os espíritos e as capacidades acentuadas dos treze cavaleiros originais aos seus Herdeiros descendentes. Se eu morrer pela mão de um demónio Cria das Sombras, o feitiço morrerá comigo, e quinze séculos de poder Lendário chegarão ao fim. Nenhum Herdeiro voltará a ser Chamado, e a humanidade cairá no domínio das Crias das Sombras. Os demónios serão livres para se alimentarem das emoções humanas,

fomentar o caos e o conflito, e atacar indiscriminadamente e sem impedimentos. Portanto, sim, sem pressão ou assim.

William suspira.

— Terás mais voz, em tudo, depois do Ritual.

Reviro os olhos.

— O Ritual em que volto a tirar a espada da pedra. Desta vez para uma plateia?

William faz uma careta.

— Tirar a espada em batalha foi espontâneo e necessário…

E também não fui só eu, penso. *Foi a Vera, o Artur, eu. Todos juntos. Não uma mão, mas três.*

— Tens de reclamar o teu título, formal *e intencionalmente*, perante os Regentes para iniciar a transferência de poder, torná-la oficial. Sobretudo em tempo de guerra.

— O Artur só Chama o seu Herdeiro *em* tempo de guerra, William — resmungo.

— Guerra contra inimigos *conhecidos*, talvez. Se aquele goruchel mímico, se o Rha… — A frase de William termina abruptamente. Ele suspira profundamente antes de tentar outra vez, como se tivesse de forçar a sua boca a regressar ao nome do demónio que assassinara e imitara Evan Cooper de forma tão perfeita que conseguira enganar toda a divisão. — Se o *Rhaz* estava a dizer a verdade, pode haver outros impostores neste mesmo *campus*. Ainda que o Rhaz estivesse a mentir, não podemos arriscar atrair atenções para ti ou para a ausência do Nick. Não com Portais a abrir todas as noites e Camlann no horizonte. As nossas forças estão incompletas.

É verdade. Uma Távola Redonda completa é composta por vinte e seis membros lendários: treze Herdeiros descendentes, cada um com um Escudeiro Ajuramentado para lutar a seu lado. A Távola ganhou-me quando Artur me Chamou, mas Rhaz assassinou quatro: *Fitz. Evan. Russ. Whitty.* Os seus nomes estão gravados no olhar de William. Membros da Távola perdidos, guerreiros perdidos, amigos perdidos.

Quando Fitz morreu, o seu irmão mais novo foi Chamado por *Sir* Bors para o substituir de imediato. Mas Evan, Russ e Whitty eram Escudeiros selecionados, e os Herdeiros têm sido lentos a escolher

substitutos. Não que tenham muitas opções. Quando se espalhou que Whitty foi morto por um demónio em batalha apenas *horas* depois de se ter tornado Escudeiro de William, a maioria dos Pajens que competiram para se tornarem Escudeiros no torneio deste ano retirou os seus nomes de serem considerados.

E depois há o caso de Nick e eu. Nick pode já não ser o Herdeiro de Artur, mas é o Herdeiro de Lancelote. Como Herdeiros, a lei da Ordem dita que teremos de escolher os nossos próprios Escudeiros.

Merlim definiu magicamente vinte e seis membros para a Távola Redonda original; o auge do nosso poder *requer* vinte e seis membros — e estamos com cinco a menos.

A guerra está a chegar, e nós não estamos prontos.

— Os Regentes vão entregar-te um reino em circunstâncias graves, Bree. Mas não te vão entregar um círculo interior em que não possas confiar. Eu, pelo menos, acho melhor assim. — A testa de William contrai-se numa rara exibição de dor. — Tivemos demasiadas perdas para não prosseguirmos com cautela e com aliados Ajuramentados a nosso lado.

A minha mão encontra o seu antebraço na escuridão e aperta-o antes de continuarmos a andar.

Mordisco o lábio.

— Por falar em Juramentos… O Sel…?

— Ter-nos-ia alertado se o seu Juramento indicasse que o Nick estava em perigo — diz William num tom de voz neutro. — O Nick é muito valioso. O Lorde Davis vai querer fazer a jogada certa.

— Ainda não acredito que Merlim criou aquele Juramento sem algum tipo de feitiço de localização ou *assim*. De que serve a um guarda-costas saber que o seu protegido está em perigo se não souber onde está?

— Nos velhos tempos, os Magos Reais nunca saíam do lado dos seus protegidos. — William levanta uma sobrancelha. — Os tempos modernos tornaram isso… desafiante.

A arena vazia está quase silenciosa quando chegamos; o ar da noite é demasiado frio para a vida selvagem e para os insetos. As nossas pegadas ecoam quando descemos as escadas esculpidas na falésia.

O aroma agridoce e enjoativo das folhas moribundas e da madeira húmida insinua-se sob nós.

Na noite da primeira prova, eu descera estes mesmos degraus com os olhos vendados pela hipnose de Sel, com Nick a guiar-me. Quase consigo ouvir a sua voz — uma gargalhada ténue e divertida de uma memória esquecida.

— *Calma, B, calma. Sabes, o* problema *é que se caíres, o código de cavalheirismo diz que eu não tenho outra escolha que não lançar-me atrás de ti.*

— Continuas a usar o colar dele? — A voz de William sacode-me da memória.

Chegámos ao fundo das escadas e ele está atrás de mim, a espreitar para onde o meu polegar está a esfregar a moeda Pendragon suspensa na corrente que trago ao peito.

Os meus ouvidos aquecem.

— Sim.

A moeda pode ter sido um presente de Nick, mas agora parece-me algo que partilhamos. O selo da Linhagem de Artur, o dragão rampante, a marca do rei, de um lado, e o símbolo dos Lendários — um diamante de quatro pontas sobreposto a um círculo — no outro. Lembro-me de como me senti indignada quando Nick mo ofereceu, quando me reclamou como «sua» de uma maneira que não estava certa. Mais tarde, permiti-me pensar que talvez eu *pudesse* ser dele de uma forma que me *parecia* certa. E quando dei por isso, pertencia-lhe.

Abano a cabeça para afastar o pensamento e conduzo-nos para o piso de relva da arena. Quando chegamos ao centro, William para a meio do degrau.

— A última barreira do Sel…

— Segue a linha da árvore. Já verifiquei. — Viro o queixo para o outro lado do campo aberto. A terceira e mais afastada barreira de Sel começa a poucos metros da vala onde uma vez me escondi com Sydney, uma Pajem, durante o torneio. Daí, estende-se numa curva ampla, delineando um círculo enorme de Battle Park com a Sede no centro.

William anui, satisfeito.

— Muito bem. Mostra-me o que vales, novata.

Sei o que está a fazer. A lembrar-me, com um pouco de humor, que apesar de eu — não Artur — ter tido sucesso no julgamento de combate usando as minhas próprias habilidades, os outros Escudeiros ainda estão *anos* à minha frente quando se trata de saber lutar com éter. Com seis anos, começaram a preparar-se para a possibilidade de herdarem as habilidades do éter dos seus cavaleiros. Com sete, começaram a treinar com versões de borracha e madeira das armas prediletas dos seus cavaleiros. Tenho dezasseis — estou dez anos atrasada em relação a todos os outros e estou apenas a começar.

William está a dizer-me, acho, para ser gentil comigo mesma. Para me lembrar de que mesmo ele sendo tão hábil, continua a ser humano, como eu. E os humanos têm de aprender a empunhar o éter, um passo de cada vez.

Os médiuns não conseguem controlar os mortos. Mesmo que pudesse contactar Artur à vontade, não posso — nem vou — depender da possessão para exercer o seu poder. Se quiser liderar, terei de ser capaz de aceder e controlar o éter sozinha, tal como os outros o fazem.

A minha respiração soa-me alta e áspera nos ouvidos. O meu coração golpeia-me uma, duas vezes as costelas. Fecho os olhos. Tento abrandar o ritmo. Respiro fundo outra vez. Ergo as palmas para o céu.

— O éter está à tua volta. — A voz do William é suave. — Já na ponta dos teus dedos.

O éter está à minha volta. Já está aqui.

— Um sussurro. É tudo o que precisas.

Sorrio.

— O Sel não sussurra por poder, ele *puxa*.

William resfolega.

— Um exemplo que não precisas de seguir, não aqui.

Respiro fundo e tento puxar sem puxar até que o ar quente — éter — comece a dançar ao longo da minha pele. Depois, abro os olhos e *evoco* esse éter. Convido-o a transformar-se do seu estado gasoso invisível para a energia que consigo ver e manipular — e o fogo azul acende-se em torno das minhas mãos e braços.

— Boa — murmura William. — Invocar o éter como fogo mágico é o primeiro passo. Agora, forja-o.

O fogo mágico torna-se cada vez mais quente. Sibilo, mas mantenho-me firme e imagino os fios rodopiantes na massa sólida que é a *Excalibur*. Imagino o empunhar de Artur e *empurro* as chamas para a minha imagem. Visualizo uma tempestade rodopiante de éter a cair no comprimento da lâmina de Artur, depois sobrepondo-se a si própria até que finas faixas de magia se tornem uma arma de ponta afiada.

No entanto, a minha vontade não é suficiente para solidificar o fogo mágico. As minhas imagens não funcionam.

Há apenas o queimar.

Em vez de se unirem em massa sólida, as minhas chamas rugem *mais alto*. O pelo fino nos meus antebraços canta; um cheiro queima-me o nariz.

— Vá lá — murmuro.

William dá um passo em frente.

— Bree, para. Vamos tentar outra vez.

— Não. — Preciso de tentar outra vez *agora*. Enquanto as chamas estão aqui. *A lâmina é… uma espada longa. Espessa e prateada, um sulco de sangue no meio…*

— Bree…

— Consigo fazê-lo. — Ranjo os dentes. *O cabo tem o formato de um círculo. Um diamante vermelho no centro…*

O meu sibilo aumenta até se tornar um choro baixo. O éter já não é o único a escaldar-me; é a minha recusa em soltá-lo.

— Bree, solta-o…

— Não! Só preciso…

— *Solta-o!*

A magia morde-me a pele, as queimaduras aprofundam-se. Grito — e finalmente, liberto-o.

A explosão espalha-se por todos os lados, lançando terra e folhas mortas contra o meu rosto antes de o éter brilhar e desaparecer.

— Não! — Bato no chão com o punho fechado e abro um buraco na terra.

William tosse, agitando uma mão para afastar o pó da cara.

— Agora, tens terra nas tuas feridas.

Solto um grunhido. Ele tem razão. *E* no meu cabelo. Vou ter de o lavar outra vez se quiser que fique bonito para amanhã.

— *Bolas!*

William ajoelha-se ao meu lado, a sua mão coberta de líquido prateado repousando sobre o meu antebraço. Convocou o seu próprio éter para uma dose de cura tão rapidamente que nem dei por ela. O brilhante aroma cítrico da sua assinatura de éter inunda-me o nariz.

— Está tudo bem.

— Não, não está! Desta vez, tentei a espada de Artur. Antes, tentei o escudo dele. Caramba, nem sequer uma simples manopla, William. Não consigo forjar *nenhuma* armadura de Artur, muito menos criar algo suficientemente sólido para causar danos.

William segura-me o braço direito com delicadeza e vira-o. A queimadura dói bastante, ainda mais agora com pequenos pedaços de terra agarrados às marcas vermelhas e brilhantes em carne viva.

— Forjar éter em estado sólido também foi difícil para mim, mesmo depois de tudo o que estudei…

— Eu não tenho uma década para estudar! — grito.

Acostumado às explosões de Sel — muito mais intensas e furiosas do que as minhas —, William não hesitou e nem sequer olhou para mim. Limitou-se a continuar.

— Mesmo depois de tudo o que estudei, foram necessárias várias horas para visualizar e forjar as adagas de Gawain. Visitei as réplicas conservadas com frequência para lhes memorizar os pesos, sentir as empunhaduras na minha mão. Tens de conhecer a arma para a forjar. Acho que precisas de mais tempo com a *Excalibur*. Lembra-te de que ela é única no nosso mundo. Uma arma de éter fortalecida por cada Herdeiro de Artur que a empunha, mudando a cada mão que a segura.

As palavras de William são um verdadeiro bálsamo. Tranquilizadoras, reconfortantes.

— As tuas invocações não queimam em absoluto. Arrefeces o éter desde aqui — faço um gesto no ar com a minha mão esquerda — até chegar a isto. — Aponto para o meu pulso, envolvido num líquido azul-prateado brilhante.

— O éter que eu invoco está longe de ser tão quente como o teu logo ao início. E certamente não o invoco em quantidades como as tuas…

Franzo o sobrolho.

— Que queres dizer com isso?

— O que já sabemos. Que tu és invulgar. Um novo tipo de poder. Ou melhor, uma nova combinação de poderes. A energia invisível a que chamamos éter é um elemento ambiente mutável manipulado pela vontade, mas essa manipulação é, de certa forma, definida pelo utilizador. Os Herdeiros e os Escudeiros são limitados pelas heranças dos seus cavaleiros. Posso lançar os feitiços de Gawain e posso forjar armaduras. Bem, não é exatamente igual à do século VI, já que não havia placas naquela época, mas tem de ser uma variação que funcione de acordo com os dons de Gawain. A única arma que conseguimos forjar é a arma escolhida pelo nosso cavaleiro. Pela sua herança demoníaca, os Merlins conseguem lançar o que quiserem: um cajado, um cão de caça, uma barreira protetora. Tu própria já empunhaste éter no seu estado de fogo mágico contra demónios em batalha. Algo fora do alcance dos Lendários. — Faz uma pausa. — E a tua Arte de Sangue? Consegues invocar o ét… a *raiz* que crias de dentro, e depois forjá-la em matéria sólida?

Abano a cabeça.

— A minha Arte de Sangue não funciona assim. É defensiva, não ofensiva.

Aquilo a que os Lendários chamavam éter, os Artesãos de Raiz chamam *raiz*. Em vez de forjar armas, os típicos Artesãos de Raiz comungam com os ancestrais para pedir acesso à raiz do ambiente, e, tanto quanto sei, não parece haver uma restrição para como a usar depois disso, seja para curar ou fazer um passeio pela memória.

Mas a Arte de Sangue de Vera é superior à minha em todos os sentidos. Na caverna, chamas vermelhas de raiz queimaram *dentro* de mim e fluíram *do* meu corpo, descendo pelos meus braços e mãos. Respirei um fogo carmesim que incinerou isels e lhes queimou a carne demoníaca — mas apenas depois de eles me terem atacado.

William cantarola, pensativo, e passa os dedos embebidos em éter pelo meu braço esquerdo. O ardor pungente do lado direito já diminuiu, e agora é apenas uma comichão horrível.

— Aquilo que fizeste no ogof… foi mais poderoso do que qualquer feitiço de arma de um Lendário. Não precisavas de uma arma, tu *eras* a arma.

As palavras de William lembram-me as de Vera. *Tu és a minha linhagem, na sua forma mais forte e feroz*. Respiro fundo com a memória da sua voz, cada sílaba atingindo-me como um corte.

— Todo aquele poder… a armadura de éter de Artur, a raiz da Arte de Sangue da Vera… estava tudo fora do meu controlo. Tal como agora. — Volto a fitá-lo, a minha voz mais firme. — E tenho de aprender a controlá-lo antes que os Regentes descubram que não sou capaz.

— Porquê? Tu és a Herdeira Desperta da Coroa de Artur. Teres ou não controlo sobre as suas habilidades de éter não vai mudar isso. Podes reclamar o título durante o Ritual, até mesmo ser coroada, sem forjar uma única peça de armadura de éter. Arrancaste a espada. — Sorri. — És a herdeira dele, até com os braços queimados.

— Mas se eu for liderar a busca pelo Nick, preciso de conquistar o *respeito* dos Regentes e dos outros Herdeiros. Preciso de ser tão boa nisto como o Nick teria sido.

— Bem — diz William, solidário. — Sabes qual é o meu diagnóstico? É só uma questão de tempo até dominares as habilidades de Artur. E, até lá, pelo menos sabes como a tua Arte de Sangue funciona.

Resfolego e dou um pontapé no chão.

— Não tanto quanto gostaria. Ao início, fugi da minha Arte de Sangue, mesmo sem dar conta do que era, porque não queria lidar com a morte da minha mãe. Se tivesse encarado as coisas, teria acedido à raiz com *meses* de avanço.

William observa-me.

— É isso que estás a fazer agora? A encarar as coisas?

Penso por um momento, e as últimas palavras de Vera assomam-me mais uma vez à mente. Quentes, incisivas e diretas. *Fugimos para que tu não tivesses de o fazer*. Então, lembro-me das palavras da minha mãe, da memória oculta que ela deixara. *Quando chegar a hora, se chegar, não tenhas medo. Luta.* A minha mãe não sabia nem metade do que eu sei sobre os poderes da Arte de Sangue, e mesmo assim, usou-os para fazer a coisa certa. Para salvar pessoas.

— Sim — respondo. — Chega de fugir.

— Que *raio* é que vocês estão a fazer?

A voz de Selwyn atravessa a arena — como um chicote sonoro que nos atinge aos dois. Resmungo e olho para cima. William suspira e abana a cabeça.

A figura alta e escura de Sel surge no topo do penhasco. Demasiado longe para que lhe consiga ler a expressão facial, mas não preciso de ver para sentir a sua fúria. Mesmo a quinze metros de distância, o seu olhar espalha um calor pelas minhas faces.

Ele avança para a beira do penhasco. O seu casaco ergue-se no ar, uma sombra escura a flutuar nas pedras. Assim que pousa, move-se. E surge ao meu lado como um borrão de fúria.

Os seus olhos são de um dourado brilhante e profundo. Parece ter acabado de voltar de uma caçada: faces coradas, cabelo preto desalinhado pelo vento, marcas de terra no casaco escuro e a sua assinatura de éter a pairar numa nuvem em seu redor, fresca e quente. Uísque em chamas.

— Expliquem-se! — grita Sel, fitando William.

William solta outro suspiro, mais profundo, e continua o seu trabalho.

— Olá, Selwyn. Já voltaste da caçada?

— O *campus* está seguro — responde ele. — Imagina qual não foi a minha surpresa ao chegar a casa e ver que vocês *os dois* não estavam. Dou-vos dois minutos, não, *um* minuto para que vos expliqueis antes que eu arraste a Br…

Sel olha para o meu braço nas mãos de William.

Deve estar excecionalmente furioso para ter a perceção situacional tão atrasada. No curto espaço de tempo de uma respiração, o Merlim remove o éter que me envolve o braço do cotovelo até ao punho. As suas narinas dilatam-se, sentindo o ozono que paira no ar.

— Queimaste-te. — Ergue o olhar, que endurece sobre o meu. — Outra vez.

É a primeira vez que me olha nos olhos desde que chegou. A primeira vez que nos vemos numa semana. As primeiras palavras que me dirige após *dias* de silêncio.

E aqui estamos nós, a repetir a mesma discussão que nos afastou.

Mordo o lábio para não gritar com ele.

— Eu disse-te que não posso ficar apenas sentada no meu quarto enquanto vocês andam por aí a caçar e a lutar. Eu devia estar…

— Tu *devias* estar na Sede! — rosna ele. — Atrás de *três camadas* de proteções, Briana! — Aponta para as minhas feridas. — Não achas que isso é prova suficiente?

Sou inundada por uma onda de vergonha e constrangimento. E, além disso, sinto a ferroada de Selwyn a usar o meu nome completo para me repreender.

— Assim que aprender a controlar o éter de Artur, não irei *precisar* das proteções. E tu não podes passar a vida a dar-me ordens, Mago Real!

Ele lança-me um olhar frio.

— Vou continuar a dar-te ordens até executares o Ritual dos Reis, e não vou parar antes disso.

Desta vez grito — um som frustrado, inarticulado, entre dentes cerrados.

— E os outros?

Sel arqueia a sobrancelha escura.

— Sê específica.

— Tu… — Começo a levantar-me, mas William força-me a ficar sentada. Ainda não é meia-noite. Podia desenvencilhar-me dele com a força de Artur, mas é *William*. Ele até pode não se intrometer na nossa discussão, mas é um curandeiro por inteiro e nunca me vai deixar sair daqui com feridas não tratadas.

— Mandaste os outros seguirem-me pelo *campus*! — acuso.

A boca de Sel forma uma linha fina.

— Mandei.

— Não preciso que tomem conta de mim…

— Claramente precisas. — Abana a cabeça. — Tens ideia do que…

Um uivo curto, vindo do outro lado da trincheira da arena, interrompe-o. O som põe fim à nossa discussão. O meu coração dispara tão rápido que dói. Conheço esse grito… *recordo-o*.

— Sel…

A expressão dele muda de surpresa para concentração mortal num instante.

— Flanqueia-a — ordena Sel, correndo para a minha direita com o éter a fluir-lhe das mãos.

William põe-se de pé ao meu lado esquerdo num piscar de olhos. A sua armadura de éter surge num fluxo rápido de placas tilintantes e cota de malha. Controlo a minha inveja.

Ouvimos o grito agudo outra vez. Atinge a parede do penhasco e ricocheteia contra as árvores, ludibriando-nos os ouvidos.

— Quantos? — pergunto.

— Muitos. Pode ser uma alcateia. — Sel olha para trás e para o topo do penhasco, onde a floresta continua em direção à Sede na escuridão da noite. Sei o que quer fazer, o que está a pensar. Quer mandar-me correr de volta por onde viemos, para a segurança das suas proteções. — Vai.

— Não. — Cerro a mandíbula. — Eu tenho a força de Artur!

Uma centelha atravessa-lhe o olhar.

— Mas não a sua sabedoria. — Seja qual for o cálculo que esteja a fazer, as possibilidades que lhe cruzam a mente não me incluem. — William, precisamos do poder de Gawain. Quanto tempo temos?

William olha para a lua acima. Uma rápida consulta do céu pelo poder no seu sangue.

— Alguns minutos…

Sel pragueja.

— Demasiado tempo.

— Leva a Bree para a Sede — diz William. — Eu consigo tratar disto sozinho.

Os olhos de Sel estreitam-se na escuridão, observando além da nossa capacidade — e o seu rosto empalidece.

— Não, William, não consegues.

— Selwyn! — O despeito trespassa o rosto de William. — Eu disse-te que *consigo* tratar disto! Para de ser…

— Oh, não…

Finalmente vejo o que nos encontrou na floresta.

William segue o meu dedo em riste e perde a cor.

— Meu Deus.

Uma dúzia de enormes raposas infernais de armadura, completamente corpóreas, emergem das árvores. Até podem ser demónios isels

menores, mas são grandes como camiões. A linha da frente estende-se por nove metros de cada lado. Um éter verde, esfumaçado, sai-lhes do corpo, erguendo-se como nuvens de cada vez que abanam as suas caudas escamosas.

William gira o punho uma vez — um estalo afiado —, e duas manoplas brilhantes surgem-lhe nos antebraços.

— Aquilo não é uma alcateia…

— Não. — Sel cerra os dentes. — É uma legião.

A esta altura, já reuniu éter suficiente para criar uma nuvem rodopiante em torno dos nossos tornozelos — gelada e perfeitamente sob o seu controlo, mas não sei se é suficiente. Sel e eu mal conseguimos lutar juntos contra três, e esses eram metade do tamanho destes, além de parcialmente corpóreos.

Nunca vi tantas Crias das Sombras totalmente corpóreas ao mesmo tempo. Quanto éter terão consumido para se tornarem densas o suficiente para serem vistas pelos Primavidas?

As raposas atacam a barreira de Sel. Vão de cabeça contra ela. Testando. Ondulações de éter surgem no impacto, espalhando-se em círculos bruscos e brilhantes no ar.

— A barreira vai contê-las, não vai? — pergunto.

Como se me respondesse, a raposa à nossa frente recua um passo e agacha-se. Arreganha a mandíbula num grito de fazer estourar os tímpanos — e o éter da barreira de Sel começa a fluir para dentro da boca da criatura num fluxo de fumo prateado.

— Oh, merd…

Sel é interrompido por um grito, e mais outro, até que todas as doze raposas começam a absorver partes do seu feitiço… e a barreira diminui diante dos nossos olhos.